

**A *PRAXIS* DO TERMINÓLOGO.  
À PROCURA DE UM ESPAÇO CONCEPTUAL INTERSUBJECTIVO**

Joana Castro Fernandes  
ISCAP | CEOS.PP | NOVA CLUNL  
Portugal  
joanaf@iscap.ipp.pt

**Resumo**

Nesta reflexão, perspectiva-se que o trabalho do terminólogo implica, a par da análise de *corpora* textuais e de procedimentos de acção-reflexão introspectivos e autónomos, o desenvolvimento de estratégias de eliciação do conhecimento tácito, através da interacção e da negociação discursivas com o especialista do domínio em estudo. Defende-se, por isso, que as estratégias de interacção entre terminólogo e especialista de domínio merecem atenção detalhada, pelo facto de se reflectirem com expressividade na qualidade dos resultados obtidos. Como consequência, defende-se a produtividade de uma relação diádica que transcende a mera mediação, competindo ao terminólogo afirmar-se como sujeito conceptualizador, decisor e interventor em todas as fases de um processo de representação do conhecimento através da língua.

**Palavras-chave:** terminólogo, especialista de domínio, conhecimento especializado, texto, estratégias de eliciação.

## Abstract

In the current study we argue that working in terminology implies not only developing *corpora* analysis but also promoting tacit knowledge elicitation techniques through interactional and discursive negotiation between terminologist and domain specialist. Therefore, interactional strategies between terminologist and domain specialist and knowledge elicitation procedures deserve particular research attention. To our mind, the key to concept-based terminological work is to carry out a concept analysis of data gathered from a specialised text *corpora* combined with an elicitation process of the tacit knowledge and concept-oriented discursive negotiation. In other words, we support productivity resulting from an autonomous action-reflection procedure, both introspective and collaborative, one in which the terminologist will become a conceptualiser, decision-maker and interventionist in every phase of the knowledge representation process through language.

**Keywords:** terminologist, domain specialist, specialised knowledge, text, elicitation techniques.

## Enquadramento

A *praxis* do terminólogo, entendida como o conjunto de posicionamentos inerentes a uma actividade orientada em função de um determinado fim, está directamente ligada às múltiplas tarefas de representação do conhecimento especializado potenciadas pela língua, implicando em grande parte dos casos um forte investimento no desenho de estratégias sócio-cognitivas que garantam o alcance de resultados válidos. Como tal, o método de trabalho do terminólogo continua a ser um tema central da agenda de investigação da área de estudos da Terminologia. Assume-se que nesta discussão sobre o método mais adequado haverá, fundamentalmente, duas dimensões que merecem escrutínio: a natureza da interacção do terminólogo com o

texto de especialidade e os contornos do fluxo de trabalho que o terminólogo pode construir com o especialista de domínio.

Considere-se sucintamente a primeira dimensão mencionada. Citando Zarnikhi (2005, p. 293): */.../ language is the main tool to represent knowledge and also knowledge develops in language, in the process of communication*. A premissa de que a língua é a principal ferramenta para representação do conhecimento implica que o texto de especialidade, enquanto resultado da fixação de uma determinada organização conceptual, se apresente como o mais imediato ambiente discursivo e comunicativo ao dispor do terminólogo, constituindo-se naturalmente, um elemento fundamental para a realização do seu trabalho. No território textual poderão ser procurados indícios de existência de conceitos e de denominações que constituem pontos de acesso ao conceito, levando a cabo uma análise para fins onomasiológicos. Mas, será o trabalho exclusivo com textos um garante de qualidade dos resultados finais obtidos?

Cremos que o texto, enquanto objecto de análise, deve ser entendido como uma representação do conhecimento especializado e não como o conhecimento *per se*. Thoiron *et al.* (1996, p. 513) reconhecem que a introspecção - através da observação do comportamento textual dos termos - é uma opção possível, mas não necessariamente ideal. É nosso ponto de vista que a utilização de textos de especialidade como ferramenta exclusiva de acesso ao conhecimento especializado enfraquece a validade dos dados obtidos, dado que o texto não é reflexo isomórfico de uma determinada organização conceptual. Será, pois, esta não-equivalência que dita a importância de encontrar outros métodos de eliciação do conhecimento que garantam a qualidade dos produtos terminológicos obtidos.

## 1. Conhecimento especializado

Qualquer abordagem ao conceito de conhecimento incorrerá no risco do simplismo, da incompletude e da ausência de unicidade, pois como sustentam Dam *et al.* (2005, p. 1) */.../ there appears to exist no general agreement on what we mean by the term*

*knowledge*. Apesar de tudo - afirmam Branquinho & Murcho (2001, p. 167-172) - entre os filósofos modernos e contemporâneos, o carácter dualista do conhecimento é reconhecido com alguma consensualidade, entendendo-se ser este constituído quer por dados dos sentidos quer por esquemas formais organizadores da multiplicidade e da diversidade de tais dados. Deste modo, o conhecimento corresponderá à soma das representações mentais abstractas que o sujeito cognoscente possui sobre um determinado aspecto da realidade, não se esperando – no entanto – um isomorfismo com a realidade externa. Ao ter origem na percepção sensorial, o conhecimento pressupõe uma relação entre o indivíduo e um determinado objecto, implicando uma representação interna (que se produz na consciência do sujeito e que permite evocar o objecto em ausência). Numa perspectiva fenomenológica, implica pois, necessariamente, um sujeito cognoscente, um objecto cognoscível e uma representação (Branquinho & Murcho, 2000). A representação do objecto cognoscível decorre, assim, da necessidade primordial de segmentar, de classificar e de organizar (Sousa Santos, 1987, p. 5):

O mundo é complicado e a mente humana não o pode compreender completamente. Conhecer significa dividir e classificar para depois poder determinar relações sistemáticas entre o que se separou.

Como anteriormente referido, a *praxis* do terminólogo está amplamente ligada à representação do conhecimento e dos seus elementos constitutivos, os conceitos (Norma ISO 704, 2009, p. 3). Estes podem ser representados em língua natural, através de termos, definições e descrições, não obstante existirem outras possibilidades semióticas de representação, tais como algoritmos, fórmulas, gráficos, diagramas. Tradicionalmente, o conhecimento *conceptual*, nas palavras de Galinski & Picht, (1997, p. 43), é descrito através de dispositivos verbais, tais como a definição e a explicação:

For our purposes, it is meaningful to distinguish between conceptual knowledge and propositional knowledge, whereby the former involves knowledge pertaining to a single concept in the terminological sense, and the latter relate to all forms of knowledge that are based on propositions, in which at least two concepts are placed in relation to one another so that they make a meaningful statement.

À margem da Filosofia e da Gnoseologia, no quadro societal em que nos movemos, é *communis opinio* que o conhecimento constitui uma meta desejável, tanto para o indivíduo quanto para os sujeitos *corporativos*: /.../ *knowledge is an essential asset that has become more important than land, labor or capital in today's economy*. (Uriarte, 2008, p. 4). É neste sentido que o mesmo autor afirma peremptoriamente o seu valor *material*. (*Ibidem*, p. 4):

Explicit knowledge may therefore be stored or imbedded in facilities, products, processes, services and systems. Both types of knowledge can be produced as a result of interactions or innovations. They can be the outcome of relationships or alliances.

É também neste cenário que a valorização do conhecimento passa a promover a formalização das já referidas necessidades terminológicas de descrição, organização e transferência (ISO 704 2009, p. 5). Com efeito, duas das mais emblemáticas obras que terão contribuído para a visão contemporânea do conhecimento são *Personal Knowledge*, de Polanyi (1958), e *The Structure of Scientific Revolutions*, de Kuhn (1962), ao afirmarem que o conhecimento científico não é o resultado de uma pesquisa objectiva, instrumental ou mecanicista, mas o produto de um conjunto de circunstâncias históricas e de uma comunicação intersubjectiva.

## 2. A *praxis* do terminólogo

Tendo presente a visão apresentada sobre o conceito de conhecimento e a sua relação estreita com os sujeitos cognoscentes, o objecto representado e a representação, voltemos um pouco atrás para aprofundar algumas dimensões da *praxis* do terminólogo. O entendimento do que é um terminólogo implica tanto a observação detalhada de um conjunto de variáveis diacrónica, geográfica e culturalmente condicionadas, como a contemplação de posicionamentos epistemológicos diferenciados. Estamos já, por certo, longe da concepção relativamente linear inerente ao contexto histórico moderno, em que a actividade científica internacional despoletou a necessidade de fixação e de divulgação do saber técnico-científico através de nomenclaturas, valorizando fundamentalmente a dimensão prescritiva e unificadora dos termos, plasmada em trabalhos paradigmáticos como por exemplo os de Lavoisier (1743-1794).

O terminólogo, ainda que nascido no mais insigne seio da ciência, alargou a sua matriz de intervenção e passou a incorporar também valores estratégicos, sejam eles decorrentes das necessidades de uma economia capitalista – comunicação especializada inerente ao mercado global de bens e serviços – sejam eles decorrentes de projectos de natureza social e política vinculados ao princípio da valorização das identidades culturais e materializados em intervenções linguísticas e conceptuais ao serviço de políticas linguísticas.

O trabalho do terminólogo orientado para questões de conceptualização, organização e transferência de conhecimento implica que este se constitua tanto um mediador como um interventor, tendo por missão propor e operacionalizar uma metodologia, instanciada num desenho criterioso que permita, simultaneamente, tirar partido do texto e potenciar uma interacção produtiva com especialista de domínio. Auxiliar o especialista de uma determinada área de saber a activar e exprimir o seu conhecimento não é, como se verá, uma tarefa isenta de dificuldades, implicando conceber estratégias eficazes para conduzir uma análise terminológica conceptual, tanto quanto possível, expurgada de ambiguidade.

No que respeita ao trabalho do terminólogo, subscrevemos, em concreto, dois aspectos fundamentais: a relevância de ser capaz de organizar toda a complexa teia inerente a um fluxo de trabalho e a imperativa necessidade de reunir uma equipa interdisciplinar em todas as etapas desse fluxo. Tal implica trabalhar em cooperação muito estreita com os especialistas da área que investiga e, dentro desse cenário, para além do papel de mediador, ser capaz de actuar como moderador-facilitador, mas também como conceptualizador, intérprete e avaliador, aproximando a sua intervenção a um exercício de natureza exegética (Costa, 2010, p. 3):

Le travail en terminologie est idéalement mené par des équipes pluridisciplinaires et transdisciplinaires. Au sein de ces équipes se trouve le terminologue qui n'est pas spécialiste du domaine, mais qui est un médiateur entre les membres de l'équipe et dont l'une des tâches est de proposer une méthodologie.

Circunscrevendo com maior precisão o campo de actuação do terminólogo, no pressuposto de que este poderá tanto integrar como gerir um trabalho de equipa, entende-se que de entre as suas principais funções estarão as de: (1) Identificar, seleccionar e categorizar recursos terminológicos (lexicográficos, textuais, taxonómicos, conceptuais e ontológicos), os quais sustentem o processo de negociação do conhecimento; (2) Planificar, propor ou determinar percursos metodológicos, tomando parte de diferentes etapas do processo decisório subjacente a investigação teórica e/ou investigação aplicada; (3) Representar propostas de sistematização conceptual e denominativa; (4) Gerir o processo de eliciação e de negociação do conhecimento entre especialistas (criar protocolos dialogais, moderar o processo discursivo e promover o consenso); (5) Sistematizar e/ou propor definições para o sistema de conceitos em estudo.

### 3. Especialista de domínio

Por seu turno, o especialista de domínio, enquanto sujeito cognoscente central ao trabalho em Terminologia, necessita igualmente de ser objecto de escrutínio. Entende-se por especialista de domínio um sujeito conceptualizador que detém, tácita e explicitamente, um conjunto de representações intersubjectivas relativas a uma determinada área de saber técnico ou científico. Nas palavras de Wright & Budin (1997, p. 87):

Domain experts, as they are sometimes called, should be competent professionals, recognized as authorities in their fields. They provide the oral counterpart that completes and vitalizes written contexts.

Deste modo, o especialista de domínio deverá ser capaz de explicar a vertente comunitária de uma determinada *parcela de conhecimento*: /.../ *l'ensemble de choses qui sont sues et connues par un individu en tant que membre d'une communauté de spécialité* Costa & Silva (2008: 5), ideia fortemente reforçada e difundida no trabalho de Kuhn ([1962] 2000, p. 275):

O conhecimento científico, como a linguagem, é intrinsecamente a propriedade comum de um grupo ou então não é nada. Para entendê-lo precisamos conhecer as características essenciais dos grupos que os criam e o utilizam.

Idealmente, há expectativa de que o especialista de um determinado domínio do conhecimento esteja apto a verbalizar representações organizadas da realidade que estuda ou com a qual trabalha, mas, na verdade, essa é fundamentalmente uma competência do terminólogo, pois uma parte considerável do conhecimento especializado é tácito e nem sempre é isomorficamente vertido para a língua. É por esta razão que, do nosso ponto de vista, o terminólogo terá de ser um exegeta, capaz de clarificar, delimitar e harmonizar o conhecimento intersubjectivo. Nesta mesma linha de raciocínio, Wright & Budin (1997, p. 87) salientam a importância do



desenvolvimento de uma simbiose entre o que consideram ser dois tipos distintos, mas complementares, de especialistas:

A Terminology research team should not be composed exclusively of either terminologists or domain experts. A kind of symbiosis must develop between these two kinds of specialists. The terminologist's work attests to the linguistic validity of the data; the domain expert's knowledge guarantees that the research stays in line with subject-field reality.

Com efeito, a defesa de um método de trabalho simbiótico e em equipa parece-nos irrefutável, sendo a importância da integração de especialistas de domínio no âmbito da *praxis* em Terminologia uma opção teórico-metodológica explicitamente orientada para garantir a qualidade primária da árdua tarefa de conceptualização, como adverte Calberg-Challot *et al.*: *La terminologie doit être un vocabulaire normalisé le moins ambigu possible et pour cela doit s'ancrer dans la conceptualization du domaine.* (2009, p. 14)

Como antecipado, na discussão sobre o entendimento que temos da dinâmica interaccional entre especialista e o terminólogo, poder-se-á esperar que o estabelecimento bem sucedido de uma relação dialógica não seja isento de dificuldades. No entender de Roche (2007a, p. 2), em muitas das práticas terminológicas, mesmo quando os especialistas de domínio são convidados a participar num projecto de terminologia, o seu contributo reside mais em validar dimensões linguísticas do que em discutir questões de conceptualização e de representação de objectos dentro de um dado domínio. Esta afirmação sustenta a nossa convicção de que talvez não haja, do ponto de vista teórico, consensualidade no que respeita às funções que o especialista de domínio deve desempenhar. Consideremos a proposta de Silva & Costa (2014 *et passim*), para quem o terminólogo e o especialista desempenham funções distintas, mas complementares:

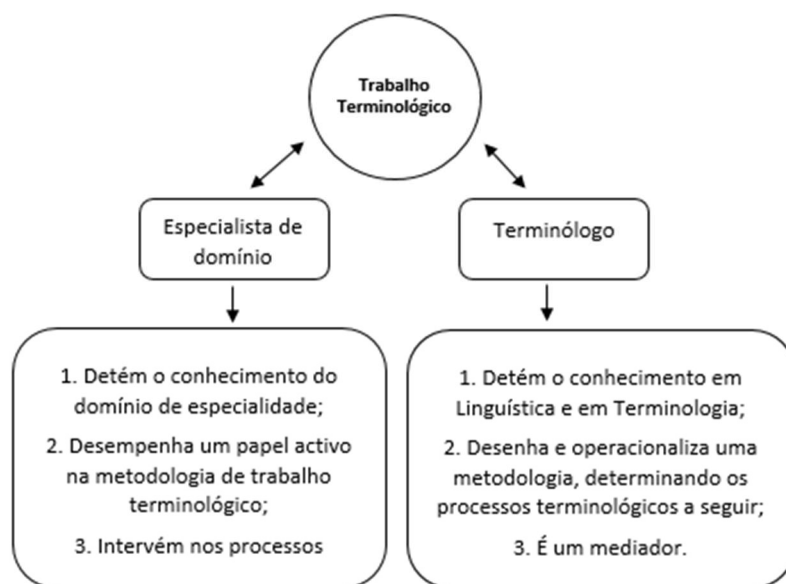


Figura 1: Perspectivação do trabalho terminológico (baseado em Silva & Costa, 2014, p. 9).

Como se pode inferir, havendo uma delimitação teórica de funções atribuídas a cada um dos sujeitos cognoscentes, depreende-se a necessidade de promover uma forte interacção dialógica. Tal pode implicar a realização de tarefas tão diferenciadas quanto discutir as fronteiras da definição de um dado conceito, identificar relações entre conceito e designação, propor ou avaliar o conteúdo das relações estabelecidas no interior de um sistema conceptual, ou muitas outras sub-tarefas inerentes à organização e à hierarquização de uma dada estrutura conceptual de especialidade.

Costa (2013, p. 38) advoga a colaboração do especialista logo nas primeiras etapas de um trabalho terminológico. Todavia, o terminólogo terá de ser capaz de rejeitar modelos mentais idiossincráticos e de reconhecer padrões intersubjectivos:

Before the actual elaboration of the conceptual system, the expert, and from the start, plays an important role in clearing doubts that arise when trying to differentiate between concepts. The identification of the characteristics of the concepts and/or the relationships established between them will be specified by the experts, based on questions that are methodically prepared by the group of terminologists.

Qualquer que seja o ponto de vista, como já referimos, o reconhecimento de um padrão intersubjectivo é condição essencial do conhecimento especializado e por consequência uma meta de trabalho do terminólogo: /.../ *intersubjective pattern recognition is a fundamental element in the creation of all scientific knowledge*. (Ziman, [1978] 1996, p. 44). Será importante recordar que o especialista é também autor e receptor de discursos e de textos de especialidade, sendo-lhe reconhecida toda a legitimidade para debater premissas, modelos e, ao limite, os paradigmas da área científica a que pertence.

Ser especialista de um determinado domínio do saber implica ter conhecimento declarativo e operacional sobre um determinado objecto, assumindo compromissos colectivos que se relacionam com a sua integração numa determinada comunidade científica. Em todo o caso, a interacção entre especialista e terminólogo depende claramente do método e do fluxo de trabalho que o terminólogo define, sendo que o seu contributo será fundamental no esclarecimento de dúvidas inerentes à diferenciação de conceitos e de representação de objetos dentro de um determinado domínio. Esta interacção terá de ser potenciadora da reflexão conjunta, em prol da qualidade e do rigor do discurso de especialidade, a qual é directamente dependente da relação entre a organização lexical e a organização do conhecimento (Costa *et al.*, 2011, p. 12).

Pelo exposto, não entendemos o especialista de domínio apenas como um interventor na etapa final de validação de resultados, mas como uma entidade activa no processo de análise, descrição e organização do conhecimento especializado. Deste modo, as técnicas de entrevista e de sessões de grupo parecem-nos uma metodologia mais consistente para aceder a uma dada conceptualização do que a mera extracção de dados textuais, inevitavelmente limitada por condicionantes que poderão enviesar os resultados obtidos.

Aceite o princípio de que o papel do especialista é fundamental na conceptualização e na representação dos objectos de um domínio de conhecimento, é imperativo seleccionar as técnicas adequadas de elicitação e de discussão desse conhecimento, como explica Calberg-Challot *et al.* (2009, p. 45), para que se torne possível identificar um espaço de consenso:

Il faudra arriver à ce que les experts témoignent de la conceptualisation et de la représentation des objets de leur domaine et non de la dimension linguistique de leur activité pour tenter de trouver un consensus entre les experts.

A identificação e a representação deste espaço intersubjectivo através da língua é um desafio complexo, como se poderá esperar, pois, muito embora os especialistas de uma determinada comunidade de investigação partilhem a mesma conceptualização de um determinado domínio tendem frequentemente a não concordar quanto à definição dos termos em língua natural.

#### **4. Estratégias interaccionais de eliciação do conhecimento tácito**

Consideremos, pelo exposto, algumas estratégias que poderão apoiar o terminólogo. No contexto em discussão, entendemos estratégias interaccionais de eliciação como um conjunto de mecanismos verbais utilizados pelo terminólogo para apreensão, debate e negociação do conhecimento tácito, as quais potenciam a construção de uma representação intersubjectiva do domínio-objecto de trabalho. Destacam-se em particular a entrevista, que constitui uma das técnicas mais utilizadas para obtenção de evidência sobre uma determinada realidade empírica (Yin, 2009, p. 106) e o *focus group*, no âmbito do qual a entidade grupo se converte numa ferramenta fundamental para construir a negociação de ideias entre os intervenientes, permitindo comparar, debater e replicar diferentes opiniões:

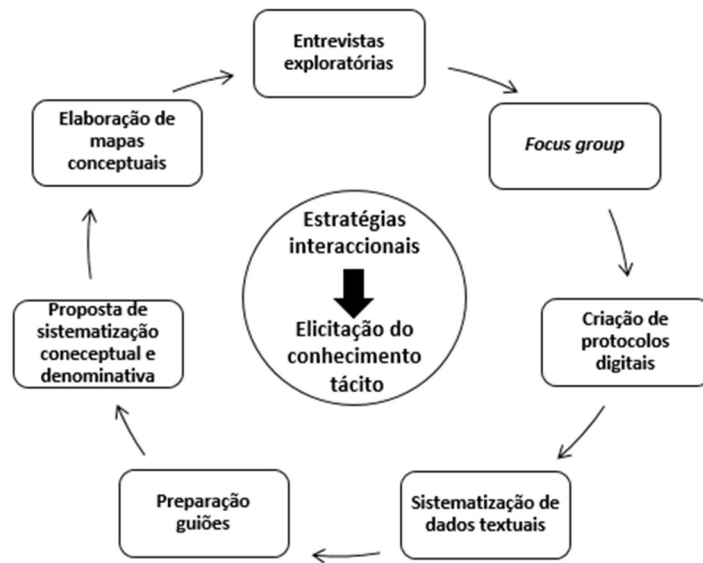


Figura 2: Estratégias interaccionais de elicitação do conhecimento tácito.

As reflexões decorrentes da nossa experiência de trabalho com especialistas revelam alguns aspectos metodológicos que devem ser tidos em consideração. Um ponto fundamental será o cuidado de elaboração prévia de trabalho preparatório, como a realização de entrevistas exploratórias, a análise de textos para fins onomasiológicos e a de sistematização conceptual e denominativa. É certo que a qualidade das conceptualizações obtidas dependerá em grande escala do consenso já estabelecido entre comunidades, mas dependerá igualmente da criação de guiões e protocolos dialogais e da selecção de métodos e técnicas adequados ao produto terminológico que se pretende obter (Roche *et al*, 2009, p. 5):

Experts require terminology which clearly defines terms in relation to the domain conceptualisation. Even if term definitions written in natural language are useful, they are not always consensual unlike domain conceptualisation. Experts also require a terminology which is able to manage and preserve the diversity of language, for instance the capability to use different words to denote the same concept.

Por último, não poderemos deixar de abordar a questão da eliciação do conhecimento quando está em causa um conjunto diferenciado de especialistas. A *polifonia de vozes*, decorrente do discurso de especialidade replicado em primeira pessoa coloca desafios fortes ao terminólogo, que tem de encontrar uma supraestrutura, um nível de abstração que se demarque de percepções idiossincráticas. Shaw & Gaines (2006, p. 1) alertam para as diferentes assimetrias entre termo e conceito que o terminólogo poderá encontrar:

One problem of eliciting knowledge from several experts is that experts may share only parts of their terminologies and conceptual systems. Experts may use the same term for different concepts, use different terms for the same concept, use the same term for the same concept, or use different terms and have different concepts.

De acordo com Shaw & Gaines (2006, p. 1), se o processo de eliciação individual de conhecimento ao especialista pode colocar inúmeros problemas, o recurso a diferentes actores multiplicará as dificuldades. Todavia, o resultado final será, por certo, muito mais fiável. Nos domínios científicos mais estáveis, é esperado que exista um consenso considerável entre especialistas, que se aproxime de um conhecimento objectivo, no sentido de Popper (1959). Criar momentos de reflexão e de discussão conjunta, através de técnicas como o *brainstorming*, implica, de acordo com Shaw & Gaines (2006, p. 22), a criação real de condições para potenciar a emergência de um espaço conceptual intersubjectivo:

The methodology promotes the full exploration of the conceptual framework of a domain of expertise by encouraging experts to operate in a “brain-storming” mode as a group, using differing viewpoints to develop a rich framework. It reduces social pressures forcing an invalid consensus by providing objective analysis of separately elicited conceptual systems.

No caso dos domínios que ainda não atingiram estabilidade conceptual absoluta, os investigadores advogam a importância de comparar estruturas: *When multiple experts*

are available for a domain where a consensus has not yet been reached, it is important to be able to compare their conceptual structures (*Ibidem*: 1). Com efeito, a probabilidade de encontrar diferenças de percepção sobre o mesmo domínio é, como ilustram os autores, grande:

		Terminology	
		Same	Different
Attributes	Same	<b>Consensus</b> Experts use terminology and concepts in the same way	<b>Correspondence</b> Experts use different terminology for the same concepts
	Different	<b>Conflict</b> Experts use same terminology for different concepts	<b>Contrast</b> Experts differ in terminology and concepts

Figura 3: Matriz de interacção entre especialistas (Shaw & Gaines, 2006, p. 2).

Qualquer uma destas quatro situações: (1) consenso, (2) correspondência, (3) conflito e (4) contraste é de suma importância: o reconhecimento de representações consensuais e de representações correspondentes é relevante porque materializa um espaço intersubjetivo; a identificação de zonas de contraste e de zonas conflituais delimita um espaço idiossincrático que adverte para a necessidade prosseguimento da pesquisa.

## 5. Conclusão

Nesta reflexão, procurámos descrever e assumir um posicionamento crítico face a algumas perspectivas teóricas sobre a evolução diacrónica e societal da *praxis* do terminólogo, enquadrando a sua actividade no contexto lato de uma relação dinâmica com a comunicação especializada e com a noção de conhecimento especializado. Com efeito, a dinâmica interaccional entre os sujeitos cognoscentes terminólogo e

especialista de domínio poderá variar substancialmente, de acordo com a filiação teórica, com as necessidades sociais implicadas ou com os intuítos de investigação aos quais o trabalho desenvolvido pretenda dar resposta. Centrâmo-nos fundamentalmente na reflexão sobre a sua *praxis* orientada para o trabalho dialógico e em equipa. Procedemos à descrição de perfil e das funções de cada um dos dois sujeitos cognoscentes e avançámos com um conjunto de estratégias passíveis de promoverem a eliciação de conhecimento tácito e a construção de um espaço intersubjectivo que assegure a consensualidade das representações linguísticas obtidas pelo terminólogo.

## Bibliografia

BRANQUINHO, J., & Murcho, D. (2001). *Enciclopédia de termos-lógico filosóficos*. Lisboa: Gradiva.

CALBERG-CHALLOT, M., Lerat, P., & Roche, C. (2009). Quelle place accorder aux corpus dans la construction d'une terminologie? *Terminologie & Ontologie: Théories et Applications* (pp. 33-52), Annecy, France.

COSTA, R. (2001a). O termo como veículo de especificidades conceptuais e semânticas. *Polifonia*, 4, 199-240.

COSTA, R., Silva, R. (2008). De la typologie à l'ontologie de textes. *Actes de Toth 2008- Terminologie & Ontologie. Théories et applications* (pp. 3-16), Institut Porphyre, Annecy, France.

COSTA, R. (2010). *Le corpus de spécialité: entre le terminologue et l'expert*. Forthcoming.

COSTA, R. (2011). La Définition en Langue. *Jornada TOTh 2011 - A definição em Terminologia* (pp. 1-38), Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

COSTA, R., Silva, R., Barros, S., & Soares, A. L. (2012). Mediation strategies between terminologists and experts. *Proceedings of GLAT 2012 - Terminologies: textes, discours et accès aux savoirs spécialisés*, Genoa, Italy.



COSTA, R. (2013). Terminology and Specialised Lexicography: two complementary domains. *Lexicographica*, 29(1), 29–42.

DAM, H. V., Engberg, J., & Gerzymisch-Arbogast, H. (2005). *Knowledge Systems and Translation*. Berlin: Mouton de Gruyter.

GALINSKI, C., & Picht, H. (1997). Graphic and other Semiotic Forms of Knowledge Representation and Terminology Management. In E. Wright & G. Budin (Eds.), *Handbook of Terminology Management* (Vol. 1 - Basic Aspects of Terminology Management, pp. 43-61). Philadelphia: John Benjamins Publishing.

KUHN, T. (2000). *A estrutura das revoluções científicas*. (B. V. Boeira & N. Boeira, Trad.). Brasil: Editora Perspectiva. (Obra original publicada em 1962).

ISO/FDIS 704: 2000 (E) (2000). *Terminology work – Principles and methods*, (s./l.) International Standards Organization.

LAVOISIER, A., de Morveau, L., Berthollet, C.L., Fourcroy, A.F. (1787). *Méthode de Nomenclature Chimique*. Paris: Académie des Sciences.

POPPER, K. (1959). *The logic of scientific discovery*. London: Routledge.

ROCHE, C. (2007a). Le terme et le concept; fondements d'une ontoterminologie. *TOTb 2007: Terminologie & Ontologie: Théories et Applications* (pp. 1-13), Annecy, France.

ROCHE, C., Calberg-Challot, M., Damas, L., & Rouard, P. (2009). Ontoterminology: A new paradigm for terminology. *International Conference on Knowledge Engineering and Ontology Development* (pp. 321-326), HAL, Madeira.

ROCHE, C. (2012). Terminologie Conceptuelle versus Terminologie Textuelle. *Rèperes*, 1.

SANTOS, B. S. (1986). *Oração de Sapiência: um discurso sobre as ciências*. Porto: Afrontamento.

SHAW, M., & Gaines, B. (2006). Comparing Conceptual Structures: Consensus, Conflict, Correspondence and Contrast. *Knowledge and Acquisition*, 1(4), 341–363.

THOIRON, P., Arnaud, P., Henri, B., & Boisson, C. P. (1996). Notion 'd'archi-concept' et dénomination. *Meta : journal des traducteurs / Meta: Translators' Journal*, 41(4), 512-524.

URIARTE, F. A. (2008). An Introduction to knowledge management: Brief Introduction to the Basic Elements of Knowledge Management for Non-practitioners Interested in Understanding the Subject. United States of America: Wiley.

WRIGHT, S. E., & Strehlow, R. A. (1995). Standardizing and harmonizing terminology: theory and practice (Vol. 1223). United States of America: ASTM International.

YIN, R. (1998). *Case Study Research. Design and Methods*. San Francisco: Jossey-Bass Publishers.

ZARNIKHI, A. (2005). Language development and scientific development. *Terminology*, 11 (2), 293-309.